

INTELECTUAIS E PODER: O IMPACTO DE CHE GUEVARA NO BRASIL

ALBERTO DIAS MENDES*

ALEX CONCEIÇÃO VASCONCELOS DA SILVA*

Para a feitura deste trabalho a ser apresentado no XXVIII Seminário Nacional de História, da ANPUH, iremos analisar brevemente o impacto deste emblemático personagem latino americano, marxista e revolucionário Ernesto Guevara de La Serna (1928-1967), conhecido popularmente como “Che Guevara”, no Brasil, tendo como recorte o período compreendido entre os anos de 1961 a 1964, quando temos a consolidação do processo revolucionário cubano, em outras palavras, a Revolução conseguiu sobreviver às investidas impetradas pelos Estados Unidos, da qual a mais famosa de todas foi a tentativa de invasão da Baía dos Porcos por exilados cubanos financiados pela CIA, em 1961.

A historiografia sobre a Revolução Cubana no Brasil é imensa¹, na qual a própria obra de Guevara constitui-se como fonte para a pesquisa sobre o tema. Para o nosso trabalho é de suma importância captar as transformações ocorridas durante o processo revolucionário, em que, inicialmente, em 1959, a revolução era contra o regime ditatorial de Fulgencio Batista e a sua submissão aos interesses estrangeiros, sobretudo aos norte-americanos, que acarretava numa enorme desigualdade social, além da submissão política de Cuba, desde a época da independência em relação à Espanha, em 1898, quando o novo país ficou submetido à ingerência norte-americana simbolizada pela emenda Platt (1901), fazendo com que a geração dos revolucionários de Sierra Maestra crescesse numa época marcada pela eclosão de um

* Doutorando em História Política pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ). (mendesad@yahoo.com.br).

* Doutorando em História Política pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ). (alexconceicao2004@gmail.com)

¹ DEBRAY, R. *A Revolução na Revolução*. São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, s.d.; SARTRE, J.P. *Furacão sobre Cuba*. Rio de Janeiro: Do autor, 1960; ESCOSTEGUY, J. *Cuba hoje: 20 anos de Revolução*. São Paulo: Alfa-ômega, 1979; FERNANDES, F. *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007; QUITANEIRO, T. *Cuba e Brasil: da Revolução ao Golpe (1959-1964). Uma interpretação sobre a Política Externa Independente*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1988; SADER, E. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Brasiliense, 1985; SADER, E. *Cuba no Brasil: as influencias da Revolução Cubana na Esquerda Brasileira*. In: REIS FILHO, D. A. *História do Marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991; PEREZ, R; TASCA, I. *Cuba não briga com o cozinheiro: revolução 40 anos*. Passo Fundo: Editora Aldeia Sul, 1999; ROLLEMBERG, D. *O Apoio de Cuba a luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

sentimento nacionalista apaixonado, marcado pelo sonho de livrar Cuba do colonialismo norte-americano, o grande ideal da Revolução de 1959.

O recrudescimento da ofensiva norte-americana em relação ao governo revolucionário, marcado pela tentativa de invadir o país para derrubá-lo, a exemplo do que fizera em países da América Latina, em oportunidades anteriores, tal como a Guatemala do presidente Jacobo Arbenz², em que o ativista revolucionário Ernesto Guevara presenciou, na qual a ação dos Estados Unidos foi bem sucedida, culminou com a queda do governo guatemalteco, em 1954. Mas, em Cuba o governo revolucionário teve um destino diferente em relação ao de Arbenz, conseguindo resistir às investidas norte-americanas, entrando para o conjunto dos países socialistas, liderada pela União Soviética, cuja ideologia era a marxista-leninista, ou seja, o processo revolucionário cubano transformou Cuba numa das protagonistas na disputa bipolar entre os EUA e a URSS naquilo em que ficou conhecido pela historiografia como um dos episódios mais delicados da Guerra Fria (1945-1989): a Crise dos Mísseis³.

Cuba foi o único país das Américas a adotar o regime socialista, sofrendo retaliações como o bloqueio econômico, que permanece até os dias atuais. Essa resistência obtida em relação a força e o poder exercido pelos EUA foi marcante em toda a América Latina, dando inspiração para diversos movimentos contra hegemônicos e revolucionários, como na Colômbia, no Chile e no Brasil, marcando um renovação e ruptura nas forças progressistas, sobretudo nas esquerdas devido ao surgimento e avanço da concepção guerrilheira como método para a luta revolucionária, que fora vitoriosa na Revolução Cubana, tendo como símbolos mais destacados os revolucionários Ernesto “Che” Guevara e Fidel Castro⁴.

Uma análise superficial da figura de Fidel Castro, permite observarmos que ele fora oriundo das lutas políticas e sociais cubanas, tal como descrevemos acima, em que a sua

² Durante o seu governo (1951-1954) Arbenz tentou realizar uma reforma agrária, entrando em choque com o monopólio das empresas estadunidenses instaladas na Guatemala, sobretudo a United Fruit Company. Em resposta, seu governo foi alvo de golpe de estado organizado pela CIA que instalou uma ditadura militar no país. Este foi o primeiro golpe de estado promovido pela CIA na América latina, durante a Guerra Fria.

³ Em 1962, um evento chamou atenção do mundo bipolarizado e atentou a humanidade para a possibilidade de uma nova guerra de proporções arrasadoras. Os Estados Unidos descobriram uma base de mísseis nucleares soviéticos em Cuba, o que causou preocupação aos EUA pela possibilidade de um ataque soviético a partir de uma posição muito privilegiada. Os Estados Unidos fizeram um cerco naval a Cuba, bloqueando os navios soviéticos presentes na ilha, gerando uma tensão mundial de um iminente ataque nuclear por ambas as partes. A solução da crise se deu quando Kennedy (então presidente dos EUA) se comprometeu a aceitar o novo *status quo* de Cuba como regime socialista, enquanto que Krushev (então dirigente da URSS) se comprometera a retirar os mísseis nucleares de Cuba.

⁴ Segundo Guevara, “*nossa revolução está colocando em risco todas as possessões americanas na América Latina. Estamos contando com esses países para fazer sua própria revolução*”. In: [Attack us at your Peril, Cocky Cuba Warns US](#) The Sunday Times, 28 de outubro de 1962.

geração fora marcada pela questão nacional de Cuba contra a presença norte-americana, em que a Revolução de 1959 representou de fato o término do processo de independência de Cuba, iniciado em 1898⁵. Tanto que logo após a vitória da revolução, Castro viajou aos Estados Unidos para buscar a simpatia do governo e da opinião pública norte-americana, porém as medidas adotadas pelo governo revolucionário como a estatização de diversas empresas norte-americanas instaladas em Cuba frustraram a tentativa de aproximação entre os dois governos. Por sua vez, o império Yanque iniciou um conjunto de ataques criminosos à ilha, que culminaram na radicalização ideológica e prática do processo revolucionário, na qual o marxismo emergiu no lugar do nacionalismo, dessa forma, caminhando junto com o recrudescimento ideológico provocado pela Guerra Fria, o que, possivelmente, acabou por transformar Fidel Castro e Ernesto Che Guevara em ícones do marxismo latino-americano.

No caso de Ernesto Guevara, observa-se que ele fora marcado, sobretudo, pelo latino-americanismo, por um ideal de América Latina unida, do rio Bravo ao Estreito de Magallanes⁶, sem provincialismos. Esse seu idealismo vinha de sua paixão pela América Latina que se desenvolveu durante a sua juventude, sobretudo pela emblemática viagem que fizera juntamente com o seu amigo Alberto Granado pela América do Sul apenas como uma moto ("La poderosa"), cujo objetivo do jovem médico era apenas conhecer a América Latina. Essa viagem demonstra não somente o espírito aventureiro de Guevara, como também características reconhecidamente suas, o seu caráter sonhador, lutador, disciplinado, jovial e, ao mesmo tempo determinado e firme em seus propósitos, praticamente transformado num mito que impactou não só o Brasil, como a América Latina e o Mundo, sendo um dos grandes personagens das manifestações de 1968.

O seu ideário, diferente de Fidel Castro, foi marcado pelo latino-americanismo, tendo como referencial teórico a obra de José Carlos Mariátegui, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, em que o teórico peruano adaptou o marxismo às condições sociais do Peru, marcado pelo indigenismo, ou seja, o índio e a questão fundiária, na qual os índios foram prejudicados durante o processo colonizador pelos colonizadores e após a independência pelos colonos que tomaram as suas terras, os relegando a condição de miserabilidade⁷. Na luta pela causa indígena, Mariátegui adota o marxismo como método, o

⁵ Para Fidel Castro, "a Emenda Platt e o colonialismo econômico que ela trouxe à ilha, (...) foi uma das causas da revolução" In: CASTRO, F. *La política cínica del imperio*. Granma: La Habana, 25 de mayo de 2008.

⁶ Fala da personagem de Che Guevara no filme "Diários de motocicleta".

⁷ Para Mariátegui, "a aristocracia latifundiária da colônia, dona do poder, conservou intactos seus direitos feudais sobre a terra e, por consequência, sobre o índio. Todas as disposições aparentemente dirigidas para

que traz, como consequência, a transformação da causa indígena numa causa revolucionária que marcou gerações de intelectuais e ativistas revolucionários latino-americanos, como o próprio Guevara que viu a causa indigenista a luta contra a exclusão, a luta pela integração social e, principalmente, a luta contra o Imperialismo.

Portanto, a formação de Guevara, diferente de inúmeros intelectuais de sua geração, transpassou a causa nacional, tornando-se dessa forma, um cosmopolita na luta por uma causa humanitária, por um ideal de dignidade humana, ou melhor, de humanidade que superasse a Civilização Ocidental eurocêntrica. O ideário desenvolvido durante a sua formação intelectual, política e revolucionária é fundamental para a compreensão de seus atos, como militante latino-americanista que o fez abandonar a carreira de médico para se transformar num revolucionário, que lutara na Guatemala no período de Arbenz, depois se uniria à causa revolucionária de dissidentes cubanos, vai clandestinamente para a Ilha lutar pela revolução vitoriosa em 1959, o que lhe dá notoriedade mundial; Fiel aos princípios, abandonou tudo que obtivera em Cuba para lutar pela revolução no Congo como comandante guerrilheiro, e por fim fora lutar pela revolução na Bolívia, montando uma célula guerrilheira que fora malograda pelo exercito boliviano com a ajuda da CIA, culminando na sua própria morte, em 1967.

O idealismo que pautara as suas ações é de extrema importância para entender a mitificação que esta envolta sobre si, seja quando fora um dos comandantes de uma revolução num pequeno país que conseguira suportar o assédio de um gigante cuja distância é de apenas 140 km, no caso de Cuba em relação aos Estados Unidos, o que representou uma alternativa revolucionária como esperança não somente para a esquerda como para a juventude das décadas de 1960 e 1970; seja quando abandonou tudo em Cuba pela causa revolucionária, o que demonstrou um enorme desapego ao poder em prol da ideologia, cujo resultado foi o sacrifício de sua vida, transformando-se num mito, cujos impactos no Brasil iremos analisar nos próximos tópicos, dentre eles os que resultaram numa ruptura e renovação das esquerdas, o que marcou a separação entre a velha esquerda que acreditara na luta político-eleitoral e a nova esquerda que passou a acreditar na luta revolucionária de caráter guerrilheiro; do outro lado, à direita, o recrudescimento da luta ideológica como consequência reativa do ânimo renovador provocado pela revolução cubana na esquerda e no campo progressista, levando-a à formulação daquilo que ficou, paradoxalmente, denominado “Guerra Revolucionária” contra

protegê-lo nada puderam contra o feudalismo subsistente até hoje” In: MARIÁTEGUI, J. C. *Sete ensaios sobre a interpretação da realidade peruana*. São Paulo: expressão popular, 2012. P. 62.

o temido efeito dominó que a revolução em Cuba poderia provocar no Brasil, devido ao moral elevado dos revolucionários na época, sobretudo a de Guevara após a condecoração dada pelo então presidente Jânio Quadros (Medalha da Ordem Cruzeiro do Sul), em 1961.

Na introdução do livro de Manolo Monereo Pérez, José Saramago faz uma deferência a Che Guevara:

Che Guevara, se tal se pode dizer, já existia antes de ter nascido, Che Guevara, se tal se pode afirmar, a continuou a existir depois de ter morrido. Porque Che Guevara é só o outro nome do que há de mais justo e digno no espírito humano. O que tantas vezes vive adormecido dentro de nós. O que devemos acordar para conhecer e conhecer-nos, para acrescentar o passo humilde de cada um ao caminho de todos.⁸

Essa citação de Saramago contextualiza a introdução que escreveu em que fala sobre o retrato de Che Guevara mais conhecido do mundo, no qual o símbolo do revolucionário sobrepõe-se ao homem, indicando que é maior do que sua existência física. Dentre as teses centrais sobre o Che, citadas pelo autor, destaco: “O dirigente revolucionário cubano de maior formação teórica marxista e o mais comprometido com o comunismo dominante em sua época” (2001, p. 27). Assim, pode depreender que Guevara, como dizia Bobbio (1997) sobre Lênin, era um teórico da revolução, mas (por ler Lênin) também acreditava na relação direta com a *práxis*.

No pequeno, mas denso, livro intitulado “El pensamiento del Che Guevara”, Michael Lowy traça um perfil político, filosófico e econômico de Che Guevara. Afirmando a vida do Guevara como excepcional, Lowy ressalta que as biografias várias que existem sobre o revolucionário não foram capazes de analisar seu pensamento, por isso sua tentativa por meio do livro, lançado pela editora Siglo Veintuno. A análise de Lowy versa sobre os textos principais do Che com relação ao “homem novo” em Cuba, ao “internacionalismo proletário” e a “guerra de guerrilhas”, temas recorrentes quando se fala sobre a Revolução Cubana e os protagonistas dessa transformação social que influenciou toda uma geração. Aqui talvez resida o princípio do engajamento político e cultural do qual falou Gramsci (1982), que prende o intelectual à atividade prática, ao mesmo tempo em que desenvolve sua teoria por meio dos estudos sobre a realidade em que atua.

Renovação e ruptura das esquerdas

⁸ SARAMAGO, José. *Breve meditação sobre um retrato de Che Guevara*. In: PÉRES, Manolo Monereo. Che Guevara: contribuição ao pensamento revolucionário. São Paulo: Expressão Popular, 2001, pág. 9

A partir do sucesso da Revolução Cubana, as forças progressistas se depararam com uma nova perspectiva revolucionária, sendo de estimada relevância frisar que antes do combate revolucionário houve um profundo “balanço” do comportamento das esquerdas⁹ durante a conjuntura anterior à ruptura na ilha caribenha.

O balanço das esquerdas foi antecedido basicamente pelos rumos tomados pelo Partido Comunista Brasileiro desde 1954, em que cerrou fileiras com as demais forças progressistas, especialmente com o Partido Trabalhista do Brasil, ao encampar a luta nacionalista como grande bandeira, o que representou, para alguns historiadores, uma grande guinada do partido¹⁰ que, por conseguinte, acarretou a inserção daquele na conjuntura política do período em tela, após a cassação de seu registro em 1948, tornando-o um dos grandes expoentes na luta ideológica, sob a insígnia do nacionalismo, que através do fortalecimento do regime democrático e do desenvolvimento econômico independente convergiria em desenvolvimento e inserção social das classes populares, rompendo com as persistências coloniais do Brasil.

Porém a Revolução Cubana mostrou que a ruptura que se daria fora totalmente diferente daquilo que os intelectuais do PCB teorizavam. Com o impacto inesperado da revolução, coube fazer um severo balanço sobre as causas políticas e sociais que levaram à subordinação do PCB à conjuntura daquele momento, sendo uma linha auxiliar do PTB, ou seja, do reformismo, ao invés de ser bastião da revolução.

Setores divergentes da esquerda passaram a acusar as políticas do PCB de não terem teor socialista, de serem incentivadoras das relações capitalistas no Brasil, portanto, um desvio de direita. Esses setores, ansiando por uma mudança estrutural no Brasil, tendo como modelo as Revoluções na Rússia (1917), na China (1949) e em Cuba (1959), viram com ojeriza a aliança com setores não identificados com a ideologia marxista, como o trabalhismo representado pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Aliança esposada pelo Partido Comunista, cuja orientação de sua cúpula era a composição de uma frente com as demais forças

⁹ O termo "esquerda" está sendo utilizado no texto relacionado às tendências políticas que defendiam o socialismo e/ou comunismo como modelo ideal.

¹⁰ Para Gorender, “a oposição inflexível ao segundo governo Vargas levou o PCB a uma situação desgastante e embaraçosa. O PCB intensificou os ataques a Vargas mesmo quando este, a partir do segundo semestre de 1953, entrou em fase de colisão com o imperialismo norte-americano e procurou reaproximar-se do movimento operário, o que fazia, conforme seria de esperar, com um discurso populista. No projeto de Programa, publicado a 1º de janeiro de 1954 para discussão pelas bases partidárias, a direção do PCB caracterizava o Governo Vargas como “governo de traição nacional” e conclamava a sua derrubada. (...) A direção nacional do PCB custou a sair da perplexidade ao constatar que se encontrava ao lado dos setores vinculados ao imperialismo norte-americano”. In: GORENDER, J. *Combate nas trevas – A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 22.

progressistas na luta pelo desenvolvimento brasileiro ancorado no nacionalismo. Porém, a revolução fez com que os movimentos de esquerda ou esquerdistas tivessem a impressão de que se estava vivendo uma situação como a da Rússia de 1917 ou a China de 1949.

Com isso, a esquerda perdeu a unidade, dividindo-se em diversas siglas, digladiando-se ferozmente nas disputas políticas e intelectuais, cujo grande prejudicado não fora somente elas mesmas, mas o campo progressista como um todo.

Dois incidentes internacionais influenciaram a renovação e a ruptura das esquerdas: primeiro, a ascensão de Nikita Krushev ao poder na União Soviética, logo após a morte de Stalin, em 1953. Krushev promoveu a “desestalinização” da URSS, cujo ápice foi a denúncia dos crimes de Stalin no XX Congresso do Partido Comunista Soviético, em 1956, provocando uma crise de parâmetros ideológicos nos PCs ao redor do mundo; segundo, os imbróglios internacionais com que o governo Krushev se deparou, que quase levaram a uma guerra com os Estados Unidos: o Ultimato de Berlim, em 1958; e o apoio soviético à Revolução Cubana, em meados de 1960.

Esses "incidentes" não só deixaram o mundo diante de um profundo temor bélico entre as superpotências, mas também representaram um limite de ação entre as mesmas, pois a URSS viu fracassar o Ultimato de Berlim perante os comboios aéreos das potências Ocidentais para a zona ocidental da cidade dividida, restando à União Soviética construir o simbólico Muro de Berlim para isolar a zona capitalista da cidade; porém, em 1961, os EUA viram fracassar o seu bloqueio econômico à Cuba revolucionária, mediante o apoio econômico, político e, sobretudo, militar concedido pela URSS ao novo governo cubano, o que ocasionou, como já mencionado, a crise dos mísseis, cuja solução foi a concessão de uma garantia por parte dos Estados Unidos de que não invadiriam Cuba militarmente, caso a URSS retirasse as suas bases de mísseis balísticos da ilha. A referida "concessão" representou uma grande derrota política dos EUA, na visão de muitos conservadores desse país.

As limitações sentidas pela União Soviética, juntamente com a solução de compromisso junto aos Estados Unidos no caso cubano, marcaram profundamente a política externa da superpotência socialista, que passara a ver limitações em seu campo de ação sob o risco de uma guerra nuclear. Essas limitações geraram a principal característica da política externa do governo Krushev: a coexistência pacífica com as potências ocidentais.

A política de Coexistência Pacífica por parte da URSS e da Komintern significou a retirada de apoio aos diversos PCs ao redor do mundo, preconizando a formação de frentes

com as demais forças políticas progressistas em seus respectivos países, seguindo as orientações de Lenin durante a III Internacional (1919-43), que enfatizou o surgimento de frentes democráticas na luta pelo desenvolvimento burguês, como condição fundamental para o fortalecimento das contradições engendradas pelas relações de trabalho entre a burguesia e o proletariado, essencial para a conscientização da classe operária quanto ao seu papel histórico, político e social, que era a destruição do mundo burguês, de modo que a luta pela revolução socialista deveria ser feita por etapas. Porém, isso gerou conflito entre os novos ares surgidos na esquerda, que marcaram profundamente os jovens daquela época, cujas conseqüências foram o rompimento com o Partido Comunista, identificado com as diretrizes stalinistas da URSS; a mudança na denominação do Partido Comunista para ortodoxo ou de velha esquerda; e a radicalização, que prescindia a política em favor da utopia revolucionária.

O surgimento de novas vertentes revolucionárias no campo da esquerda, representadas pela China comunista (maoísmo) e por Cuba guevarista (guerrilha), teve suma importância para os segmentos da esquerda que romperam com o PCB, somando-se à enorme decepção gerada pelas denúncias de Krushev em relação às atividades de Stalin, ícone para uma geração que acompanhara a vitória da URSS perante a Alemanha Nazista, que também resultou um desencanto pelo marxismo soviético¹¹, ou melhor, pelo leninismo.

Com isso podemos compreender as inúmeras tensões entre a esquerda, interpretada por alguns autores como uma verdadeira “guerra civil” de proporções ideológicas para saber quem de fato é realmente de esquerda, na qual o outro é sempre o “pelego”. São essas tensões que marcaram a ruptura entre as esquerdas que, em sua luta política, oscilando entre a paixão e a razão, assim como também entre o público e o privado, em que o primeiro é representado pelo coletivismo de suas aspirações ideológicas, e o outro pelo seu espírito antidemocrático, ou caráter autoritário, ambos fundamentados na convicção de ser o possuidor do pleno conhecimento, em suma, da verdade absoluta¹².

Com o advento da Revolução Cubana em 1959, e da Ditadura Militar em 1964, as teses defendidas pelo PCB, expressas nos congressos de 1958 e 1960, mostraram-se falhas, sendo alvo de inúmeras críticas por parte dos grupos dissidentes de esquerda. A cisão na esquerda, mais especificamente a cisão no partido, influenciou no enfrentamento da ditadura,

¹¹ Segundo Gorender, “pertencem a uma geração de comunistas brasileiros que (...) viveu sua juventude sob o império dos mitos de Stalin e de Prestes”. In: GORENDER, J. *Idem*. p. 27.

¹² Um dos motivos pelos quais as esquerdas discordavam entre si pode ser atribuído às interpretações dos autores comunistas, conforme nos ensinou o saudoso Leandro Konder em sua obra "A derrota da dialética" (2009).

devido à existência de duas vertentes: o enfrentamento político (adotado pelo PCB) e o enfrentamento armado (adotado por outras agremiações) derivaram basicamente das defecções ocorridas no partido, devido às mudanças de sua orientação: a adoção do “frentismo”.

A política do partido, mediante a derrota de 1964, ocasionou um profundo descrédito de vários setores da esquerda com o PCB, acusando-o de ter se inclinado à direita, porque na luta contra o imperialismo em prol do nacionalismo a hegemonia caberia à “burguesia nacional” aliada à classe média e às classes populares. Mas fora a alta burguesia que desferira juntamente com os militares (representantes da classe média) o golpe de 1964. Para a professora Marly Vianna: “a meu ver, se analisarmos os documentos desde 1945, vamos verificar que o PCB sempre teve uma tendência para o pensamento considerado de direita e uma profunda irritação com as posições chamadas de esquerda”¹³.

O depoimento da professora Marly Vianna demonstra muito bem como era a conjuntura das esquerdas mesmo após a Revolução Cubana e, principalmente após o golpe, em que o PCB era acusado de ser direitista por ter se aliado ao Partido Trabalhista Brasileiro, na luta pelo desenvolvimento do capitalismo brasileiro, numa perspectiva claramente etapista. Prosseguindo sua análise, afirma “a crença de que, vitoriosas as reformas de base, o imperialismo estaria derrotado foi, a meu ver um dos grandes problemas teóricos do PCB”¹⁴. Mesmo a crítica da professora Vianna sendo de caráter contemporâneo, demonstra muito bem a ruptura sofrida, seja pelo advento da revolução em Cuba e, também pelo PCB propor uma política de frentes.

Muitas agremiações de esquerda optaram pela resistência armada, através de guerrilhas, fundamentadas no bem sucedido movimento guerrilheiro cubano, ou então baseadas na experiência chinesa, edificando guerrilhas no interior, esperando ganhar a simpatia da população rural, mobilizando-a no combate à ditadura. Para aqueles que optaram pela luta armada, o PCB lhes pareciam uma “instituição acadêmica”, devido à sua orientação quanto à resistência, baseado na estratégia de combater a ditadura na esfera política, mobilizando a população contra a situação de fato, através da opinião pública, em suma, através de uma sólida articulação que conseguisse formar uma frente capaz de enfrentar a ditadura.

¹³ VIANNA, M. *Repensando o Brasil*. p. 267. In: CUNHA, P. R. *Nelson Werneck entre o sabre e a pena*. 2ª ed. São Paulo: EDUNESP, 2011.

¹⁴ VIANNA, M. *Idem*. p. 268.

O Recrudescimento da Direita

A Revolução Cubana e o fracasso do Governo Janio Quadros (1961), aliada à enorme popularidade alcançada pelos setores progressistas da sociedade e os seus ideários: o trabalhismo e o socialismo fizeram com que a direita recrudescesse a sua ideologia, sob os ares da Guerra Fria, sintetizada no binômio segurança e desenvolvimento, tendo como *locus* a Escola Superior de Guerra. Em suas diretrizes o conceito de segurança estava estritamente articulado com o desenvolvimento econômico, dependendo dela. “A prosperidade econômica pode beneficiar-se bastante da estabilidade política garantida pela segurança”¹⁵. Ou seja, o desenvolvimento era fruto da ordem e do controle do sistema representativo. “Tanto as ideologias como os políticos e os partidos são suprimidos do cenário nacional pelo poder estatal instalado para dar passo a realização do desenvolvimento capitalista com segurança”¹⁶.

A ESG em suas diretrizes repercutiu sensivelmente os ecos da Guerra Fria no Brasil, inspiradas nas premissas dos estrategistas norte-americanos,¹⁷ que refletiam as tensões do Ocidente naquela época, como o temor de um ataque soviético, que a sociedade aderisse à ideologia marxista, que o Partido Comunista lançasse o país numa guerra revolucionária, como ocorrera na China, ou que o estado caísse nas mãos de guerrilheiros revolucionários, como ocorrera em Cuba. Por isso que naquele período os conceitos de guerra e segurança foram ardentemente discutidos, problematizados, desenvolvendo-se estratégias de enfrentamento¹⁸.

A vertente defendida pelo campo conservador era o binômio Segurança e Desenvolvimento. A Segurança está interligada ao Desenvolvimento e nesse sentido processando a inflexão da doutrina. Para que houvesse Segurança e Desenvolvimento, era fundamental que a Doutrina de Segurança Nacional se transformasse em política de Estado, porque para os estrategistas a Guerra Fria e a “Guerra Revolucionária”¹⁹ puseram em destaque

¹⁵ IANNI, O. *O Ciclo da Revolução Burguesa*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 66.

¹⁶ IANNI, O. *Idem*. p. 66.

¹⁷ Na ESG autores como Spykman, Morgenthau, Lipman, Simonds e Enemy eram utilizados como referencial teórico. Ver ARRUDA, E. *Op. Cit.*; SILVA, G. C. *Planejamento Estratégico*. Brasília: Ed. UNB, 1981.

¹⁸ Nos escritos de Golbery a questão da Segurança é fundamental, pois para que se pudesse aplicar a planejamento para o desenvolvimento era necessário extirpar o inimigo, que no Brasil era interno, “os quinta colonistas” infiltrados. Para Golbery: “Hoje em dia, para toda Hipótese de Guerra externa se deve considerar a ação de elementos quinta-colunistas no interior do país. O comunismo serve de modelo apropriado, a essa perigosa combinação de agressões externas e internas, simultâneas ou não” In: *Idem*. p. 41.

¹⁹ Guerra Revolucionária era a guerra interna, com aspecto de guerra civil, entre indivíduos e partidos, entre opiniões e ideias. Para Golbery: “a Guerra Revolucionária visa à conquista do poder pelo domínio progressivo da população, após desagregá-la desde a sua bases. É contra o perigo trazido por essas

outros aspectos insidiosos da guerra contemporânea: A Guerra Total²⁰. Essas novas modalidades de conflito procuram o controle progressivo do país, pela destruição sistemática de seus valores, das suas instituições, do seu moral. Apoiando-se em passagens como a de Clemenceau: “A guerra é assunto muito sério para ficar a cargo somente dos generais”, e a de Eisenhower: “A segurança nacional é um estado de prontidão organizada e compreende todo o povo, todos os empreendimentos e todo o governo”, em suas discussões e teorizações acerca dos problemas brasileiros.

Podemos inferir que a forma de conter a Guerra Revolucionária instigada pelos “comunistas” contra o decadente liberalismo era o fortalecimento do Estado. Primeiro pela necessidade do Estado de “ampliar cada vez mais a esfera e o rigor do seu controle sobre uma sociedade já cansada e desiludida do liberalismo fisiocrático das eras passadas”²¹. Depois, pela articulação de uma estratégia para uma “guerra onipresente”. A grande estratégia transforma-se, por fim, numa “verdadeira política de Segurança Nacional”. Através dela o governo coordena, dentro de um conceito estratégico fundamental, todas as atividades políticas, econômicas, sociais e militares.

Com o seu recrudescimento, a direita sustentou a tese que vinculou um projeto global de desenvolvimento a um planejamento de segurança nacional. Tal estratégia dá à obra o caráter de um planejamento capaz de levar o Brasil a condição de país desenvolvido e “tecnocrático”. A viabilidade desse projeto dependeria da capacidade político-administrativa do Estado em organizar uma elite tecnocrática civil e militar para orientar este desenvolvimento com o auxílio da iniciativa privada e o apoio financeiro internacional.

Na ótica conservadora, a instabilidade política do Ocidente, aliada a vulnerabilidade da estrutura política nacional fazia ver a necessidade de suspender as liberdades democráticas²²

modalidades de agressão – que procuram invadir não territórios mas mentes desprotegidas – tornam-se insuficientes as forças militares, mesmo as mais poderosas. Verificou-se que não basta a simples defesa, sendo necessário algo mais eficiente. Surgiu, pois, a noção de SEGURANÇA, encarado como um estado de alerta, de prevenção, de consciência do perigo” In: SILVA, G. C. *Op. Cit.* p. 38.

²⁰ O século XX foi marcado pela emergência dessa nova modalidade de guerra, atingindo o seu auge na Guerra Fria, se transformando numa guerra ideológica e psicológica, na busca pela conquista de “corações e mentes”. Para Golbery “a guerra total é uma guerra indivisível, global e permanente, em que a paz é a continuação da guerra por outros meios e a guerra deve ser tratada como um todo” In: SILVA, G. C. *Op. Cit.* p. 345.

²¹ SILVA, G. C. *Op. Cit.* p. 23.

²² Democracia para os conservadores tinha uma conotação um tanto retórica, pois não acreditavam que a democracia era possível de ser exercida com um povo tão “inculto” quanto o brasileiro, além das necessidades da Guerra Total e Revolucionária, que leva a uma necessidade de instauração de um governo forte, pois “não há como fugir à necessidade de sacrificar o Bem-Estar em proveito da Segurança desde quando ela se veja ameaçada” In: SILVA, G. C. *Op. Cit.* p. 13-14.

para fortalecer, através da centralização do poder, as bases da nova sociedade. Desse modo, a construção de uma sociedade moderna no Brasil também teria que ser obra do Estado centralizador. Ou seja, a falta de maturidade política da sociedade brasileira é a marca do pensamento conservador.

Não há dúvidas para a direita de que a democracia, bem-estar social e desenvolvimento econômico são sinônimos de segurança. De certo modo, estes componentes seriam alcançados através de um planejamento de segurança, sendo que podemos inferir que seria difícil implementá-las num governo regulado pelas regras do jogo democrático, já que a sociedade não inspirava confiança.

Em decorrência desse recrudescimento, que representou a perda da batalha numa construção de uma ideologia de massas, algo conseguido pelas esquerdas, principalmente com o impacto da revolução cubana e dos revolucionários (dentre eles o Guevara) no Brasil, conclui-se que o desenvolvimento não poderia correr o risco de uma democracia de massas, e só poderia ser encaminhado em pleno ambiente de segurança nacional. Uma vez alcançado, é que tal desenvolvimento daria as bases para uma sociedade democrática. Manifesta-se aí a crença, comum a todos, de que este desenvolvimento só poderia ser operado por um Estado tecnocrático e autoritário, que permitisse eficiência e controle social. Dentro desta ótica, portanto, democracia não é caminho para o desenvolvimento econômico.

Conclusão

O pensamento de Ernesto Che Guevara insere-se no contexto geopolítico mundial com relação à disputa de poder e construção de processos de ruptura revolucionária em direção à sociedade socialista. Como pode ser lido em inúmeras obras, o nome de Guevara versa entre aqueles que mais influenciaram uma geração, seja por sua presença marcante e determinada na definição das estratégias de guerrilha ou do trabalho cotidiano para construção do país, seja após sua morte, por meio da memória de um mártir da causa dos trabalhadores e camponeses, sedentos de justiça e igualdade.

Nos idos de 1964, Francisco Julião, fomentador e criador das Ligas Camponesas²³, viajou para Cuba a fim de participar do Congresso do Partido Comunista e aprender sobre guerrilha revolucionária, bom como lidar com o campesinato revolucionário. Ao retornar ao Brasil, escreve os princípios e os estatutos das Ligas Camponesas, que são uma reprodução

²³ AZEVEDO, Fernando Antonio. *As Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1962.

dos manuais e estatutos da Revolução Cubana no que diz respeito aos ideais de igualdade, liberdade e reforma agrária. O nome de Che Guevara figura entre os principais como referência.

Carlos Marighella, líder guerrilheiro brasileiro, também inspirou-se na Revolução Cubana e ideais guevaristas de guerrilha como fontes para suas ações políticas no Brasil e no exterior, conforme relata-nos Mário Magalhães²⁴.

Atualmente, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) possui uma escola de formação, a Escola Nacional Florestan Fernandes, que possui seus estatutos e sua proposta político-pedagógica alicerçada nos ideais guevaristas.

Como pudemos acompanhar, os ideais de Che Guevara têm imensuráveis abordagens, o que resultaria em outras tantas obras que tratem de assunto tão amplo e necessário ao mundo atual. Não pretendemos esgotar o tema e temos certeza de que, a partir dos escritos aqui realizados, poderemos alavancar novas interpretações e considerações sobre a questão do poder e dos intelectuais, tendo como referencial a figura de Ernesto Che Guevara.

²⁴ MAGALHÃES, Mário. *Marighella*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Referencias bibliográficas

- ARRUDA, A. *ESG: a história de sua doutrina*. Brasília: INL, 1980.
- AZEVEDO, Fernando Antonio. *As Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1962.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder – Duvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp, 1997.
- CASTRO, F. *La política cínica del império*. Granma: La Habana, 25 de mayo de 2008.
- DEBRAY, R. *A Revolução na Revolução*. São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, s.d.
- ESCOSTEGUY, J. *Cuba hoje: 20 anos de Revolução*. São Paulo: Alfa-ômega, 1979.
- FERNANDES, F. *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- GORENDER, J. *Combate nas trevas – A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª edição, 1982.
- IANNI, O. *O Ciclo da Revolução Burguesa*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- LOWY, Michel. *El pensamiento del Che Guevara*. Traducción de Aurélio Garzon del Camino. Editora Siglo Veintiuno. México, 1971.
- MARIÁTEGUI, J. C. *Sete ensaios sobre a interpretação da realidade peruana*. São Paulo: expressão popular, 2012.
- MAGALHÃES, Mário. *Marighella*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PÉRES, Manolo Monereo. *Che Guevara: contribuição ao pensamento revolucionário*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- PEREZ, R; TASCIA, I. *Cuba não briga com o cozinheiro: revolução 40 anos*. Passo Fundo: Editora Aldeia Sul, 1999.
- ROLLEMBERG, D. *O Apoio de Cuba a luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- QUITANEIRO, T. *Cuba e Brasil: da Revolução ao Golpe (1959-1964). Uma interpretação sobre a Política Externa Independente*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1988.
- SADER, E. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Cuba no Brasil: as influencias da Revolução Cubana na Esquerda Brasileira*. In: REIS FILHO, D. A. *História do Marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SARTRE, J.P. *Furacão sobre Cuba*. Rio de Janeiro: Do autor, 1960.



SILVA, G. C. *Planejamento Estratégico*. Brasília: Ed. UNB, 1981.

VIANNA, M. *Repensando o Brasil*. In: CUNHA, P. R. *Nelson Werneck entre o sabre e a pena*. 2ª ed. São Paulo: EDUNESP, 2011.